

## A festividade de Rei Sabá em São João de Pirabas: religião, cultura e outros compósitos<sup>1</sup>

Hermes de Sousa Veras (UFRGS)<sup>2</sup>

**Resumo:** Todo dia 20 de janeiro em São João de Pirabas, celebra-se a festividade do Rei Sabá. A cidade está localizada no nordeste paraense, conhecida como região do salgado por ter suas águas banhadas pelo oceano atlântico. Rei Sabá, corruptela de Rei Sebastião, é uma entidade que pertence ao panteão dos encantados, seres que não conheceram a experiência da morte, e sim, transformaram-se em entes que possuem seu próprio território – a encantaria – e se manifestam, a partir dele e de outros agentes, no mundo da superfície, pois a encantaria está no fundo, sendo realidade oposta, e às vezes espelhada de nosso mundo. Por conta de sua história e multiplicidade, Rei Sabá tem em suas características aspectos do Rei Sebastião, personagem histórica portuguesa que desaparecera na batalha de Alcácer Quibir, em 1578 no Marrocos. Além de comungar com outras personagens, tais como São Sebastião, por serem palavras homônimas e por conta de sua comemoração ser também no dia 20 de janeiro pela igreja católica; e Oxóssi, por conta das aproximações e separações que já acontecem entre o santo e o orixá pelas religiões afro-brasileiras. Portanto, no dia 20 de janeiro, mães e pais de santo, juntamente com a prefeitura e outros agentes públicos e outras organizações, mobilizam-se para a celebração, ocorrendo na Praia do Castelo, orla da Ilha da Fortaleza que fica há aproximadamente meia hora de barco, saindo da cidade de São João de Pirabas. O local onde ocorre a festividade não foi escolhido sem razão, nele encontra-se uma pedra outrora antropomorfa, aparentando uma pessoa sentada em posição de meditação. Esta pedra é tida vezes como o Rei Sabá, ou como a sua pedra, que não é mais antropomorfa por conta de obras feitas pela prefeitura, sendo inserida uma base de concreto na pedra para sustentá-la perante as intempéries do tempo e das águas. A ação acrescentou mais uma camada de significação à pedra. Além de sua materialidade vivenciada por afroreligiosos e pescadores da região, a pedra também virou o Monumental Místico do Rei Sabá. Para a realização da festividade, dois tipos de discursos são produzidos: a festividade enquanto expressão da religiosidade popular ou pertencente à cultura da cidade, que se relacionam e se desdobram em muitos outros. Na véspera da comemoração, autofalantes transitam em veículos motorizados, anunciando a festa enquanto expressão da religiosidade popular, da cultura e da história da cidade. A partir de trabalho de campo realizado no início de 2018, trago aspectos da performatização da festividade empreendida por religiosos e agentes públicos. O objetivo é pensar como são construídas diversas cidades, públicos e imagens, levando em consideração o entrelaçar de agenciamentos entre encantados, seus territórios, os agentes públicos e os afroreligiosos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

Além disso, esse texto foi um exercício proposto na disciplina de tópico especial, Religião e Espaço Público, ofertada por Emerson Giumbelli.

<sup>2</sup> Aluno de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**Palavras-chave:** Afro-Brasileiros; Encantaria; Cidade.

Em São João de Pirabas, acontecem há quase 90 anos, celebrações, festas, cerimônias, enfim, uma gama variada de cultos ao Rei Sebastião que, segundo algumas pessoas, mora na ilha da Fortaleza, na praia do Castelo – nas imediações da cidade, sendo que a travessia deve ser feita a partir de veículo marítimo. A pedra tinha o formato de uma pessoa sentada, com o queixo apoiado, talvez, na mão. Com as reformas da prefeitura, na gestão de Bosco Moisés (2000-2008), a pedra, uma manifestação natural, “esculpida pela natureza”, como algumas pessoas de Pirabas me contaram, tornou-se um monumento, com o acréscimo de uma base de concreto quadrangular, envolvendo a pedra e, conseqüentemente, mudando sua forma. Agora, à primeira vista, a pedra não lembra mais uma pessoa sentada.

É no dia 20 de janeiro que se celebra a festa para Rei Sabá (forma como é chamada a entidade encantada). Essa é, também, a data de nascimento do antigo rei de Portugal, que desapareceu na batalha de Alcacér-Quibir, em 1578. Essa é a mesma data quando é comemorado pela Igreja Católica, São Sebastião, soldado romano canonizado por sua fidelidade aos princípios cristãos. Desta forma, o dia 20 de janeiro se apresenta em São João de Pirabas enquanto uma multiplicidade de celebrações a diversos tipos de personagens, tais como Rei Sebastião, São Sebastião e Oxóssi – pois dia 20 também é o dia desse orixá em muitas religiões de matrizes afro-brasileiras. Há controvérsias, por parte tanto da igreja católica, quanto dos afrorreligiosos, a respeito de determinadas associações feitas entre essas personagens, contudo, não é objetivo deste artigo fazer distinções fenomenológicas e históricas dessas personagens, que possuem trajetórias e histórias distintas.

Em Pirabas, nas vésperas da festividade, a cidade foi atravessada por diversas formas de religiosidade, sobretudo afro-brasileira e da pajelança cabocla. Altos falantes, montados em veículos, anunciavam uma procissão, que saiu da casa de Mãe Rita de Oxóssi<sup>3</sup>, e que teria seu percurso até a Igreja Matriz, onde o padre celebraria uma missa, derrocando em um toque de tambor e cânticos, feitos pelos afrorreligiosos de Pirabas e pelo os que vieram de outras cidades. O evento aconteceu no centro cultural e desportivo Maria Pajé, outra obra construída na gestão da prefeitura de Bosco Moisés. Além dos

---

<sup>3</sup> Ainda não consegui conversar pessoalmente com Mãe Rita.

alto-falantes, a cidade escutou a chamada para o luau<sup>4</sup> organizado pelo ex prefeito, ligado à colônia de pescadores de Pirabas. Esses anúncios sonoros possuíam trechos de cânticos afro-brasileiros, e enfatizavam as palavras-chaves: cultura, história e religiosidade de São João de Pirabas. Pretendo me ater com mais atenção à essas categorias, de como são utilizadas e mobilizadas para construir uma própria religião e outras coisas.

Os materiais empíricos que embasam esse artigo fazem parte da minha observação e conversa com as pessoas que participam da vida da cidade, durante trabalho de campo realizado entre janeiro/fevereiro de 2018. Até então, conversei de forma mais aprofundada com duas mulheres, uma mãe de santo de umbanda branca e uma benzedeira, que é guiada por suas entidades encantadas, para curar e ajudar a quem procura. Ambas não participam da festividade de Rei Sabá por não se sentirem bem na festividade. Em junho de 2018, em razão de uma mesa redonda que participei na Universidade do Estado do Pará (UEPA), em Belém, pude aproveitar a viagem para ir novamente a Pirabas, assim, conversei com dois pais de santos/ pajés de forte atuação local, ambos participam das festividades do Rei Sabá.

### **A cidade**

São João de Pirabas é uma cidade situada no nordeste paraense. Seu litoral é constituído pelas águas do oceano atlântico e do rio Pirabas. Possui aproximadamente 22 mil habitantes, e uma área de 701, 896 km<sup>2</sup> segundo dados do IBGE. Uma das principais atividades econômicas da cidade é a pesca, tendo como a empresa mais importante da cidade, atualmente em declínio, o empreendimento de pesca Princomar – comandada anteriormente pelo ex e finado prefeito Bosco Moisés. Em conversa com uma professora do município, ela me contou que em Pirabas não há muitas possibilidades econômicas: tem o setor da alimentação, que é o que mais dura, os de vestuário, e os cargos públicos. Segundo Jarina, há pouco investimento no turismo, pois não há nenhuma lembrança que possa ser adquirida, isto é, comprada, para o visitante que vier conhecer Pirabas, nenhum objeto referente ao Rei Sabá e a cidade.

Pirabas possui uma escola municipal, atendendo o nível fundamental de ensino, e uma estadual, abrangendo o nível médio. Há algumas creches e escolas de educação infantil, aproximadamente cinco, e uma instituição de ensino superior, a Faculdade de

---

<sup>4</sup> Não consegui acompanhar este luau.

Educação Superior de Paragominas – FACESP, com os cursos de Administração e Pedagogia.

A pavimentação de Pirabas se restringe a algumas vias principais que ligam os equipamentos centrais, como as escolas públicas, o mercado de peixe, a orla, a Princomar, o cemitério, as praças com as Igrejas Matriz, a Assembleia de Deus e uma Igreja Universal. Uma rápida caminhada, para além desses equipamentos, nos levam a vias sem pavimentação, como por exemplo, onde estão dois terreiros que conhecia e a casa da benzedeira que visitei.

### **Festividade: missa, Rei Sabá e públicos**

Conversando com algumas pessoas que participam do circuito cultural da cidade, rapidamente percebe-se que a celebração do Rei Sabá é considerada uma marca da cultura popular de São João de Pirabas. No dia 19 de janeiro, houve uma procissão que saiu da casa de Mãe Rita de Oxóssi, tendo como destino a Igreja Matriz. Aproximadamente 30 pessoas, vestidas de branco e vermelho, paramentadas com as roupas comumente usadas nas religiões afro-brasileiras. Foram seguindo um carro, que atrás, em uma espécie de berlinda, puxava a imagem de São Sebastião, enfeitado com fitas coloridas e apoiado em uma barquinha.

Não alcancei a casa de mãe Rita a tempo, então, esperei a procissão passar na igreja, na praça principal da cidade. Enquanto isso, Dona A., uma enfermeira bem relacionada com muitas pessoas da cidade, me apresentou a Paulo Lins, autor de um blog sobre São João de Pirabas, onde são abordados, principalmente, assuntos históricos e culturais da localidade. Paulo contou-me os nomes de pais, mães de santo e pajés antigos da cidade, enquanto reforçava as palavras que já tinha ouvido de outras pessoas, que atualmente a cidade está deixando de lado as potencialidades culturais e turísticas.

Após a chegada dos afroreligiosos, todos entraram na igreja matriz, que possui como padroeiro São João Batista. A missa durou das 19 horas até mais ou menos às 21 horas. Seu público, em grande parte, era formado por afroreligiosos, sendo a minoria que não estava em vestes de terreiro. Percebia-se que essa era uma missa extraordinária, tendo a missa cotidiana acontecido naquele mesmo dia, mas no período vespertino. O padre enfatizou a presença de afro-brasileiros, destacando ser importante o convívio respeitoso entre as religiões e diversas denominações, ressaltando que o mais importante de tudo era “buscar a Deus”. O padre narrou a história de São Sebastião, enfatizando seu registro

histórico, portanto, verdadeiro, e seu reconhecimento oficial enquanto santo da Igreja Católica Apostólica Romana. Em certo momento da missa, aproveitou para esclarecer ao seu público que São Sebastião e Rei Sabá não são as mesmas personagens, enfatizando que São Sebastião existiu, portanto, estando no registro documentado e oficial, enquanto Rei Sabá, segundo o padre, faz parte das lendas populares, tendo relatos de pessoas mais velhas, “os antigos”, de que ele teria realizado milagres. “Pode ter acontecido, pode não ter acontecido”, argumentou o padre, “Quem sou eu para dizer alguma coisa?”. Contudo, ficou ressaltada a distinção que o padre faz entre uma personagem reconhecida pela igreja, e outra, reverenciada pela população afro-brasileira. Na bibliografia sobre o tema, há indícios de que exista uma confusão entre Rei Sabá e São Sebastião, contudo, não percebi essa confusão, pois ao que se parece, há mais uma apreciação e devoção a uma multiplicidade que perpassa Rei Sabá – Rei Sebastião, São Sebastião e Oxóssi. Rei Sabá, que é corruptela de Sebastião, apresenta-se em sua materialidade na própria pedra, embora tenha sua morada na encantaria. Seu lar estende-se pelo litoral paraense e maranhense, sendo forte a referência à praia dos Lençóis, no Maranhão.

Embora Bastide tenha sofrido críticas de estudiosos das religiões de matriz africana no Pará, principalmente por ele ter elaborado suas análises praticamente em cima da pesquisa de outros; ainda sim, há indícios de que os princípios de corte e cisão, descritos por Bastide (1971), devem dizer alguma sobre o que acontece nessa multiplicidade de personagens vivenciados em São João de Pirabas. Primeiramente, a maioria dos afroreligiosos da região se consideram cristãos. Não é incomum que pajés, também, se declarem como seguidores dos princípios católicos, e até mesmo evangélicos (Filho 2016, Maués 1995, Silva 2014). No censo religioso realizado na cidade, 15.731 pessoas se declararam de religião católica apostólica romana, 3.907 de religião evangélica. Apenas 20 pessoas se declararam espíritas. Essa auto declaração sugere de que há uma convivência entre essas religiões, nas quais as pessoas transitam com certa facilidade. Afinal, as manifestações afro e da pajelança estão no calendário oficial da cidade, apresentadas como um compósito de religião e cultura. Na medida em que as religiões afro e a pajelança não aparecem no censo, elas são visualizadas e ouvidas pelas ruas da cidade, principalmente nas vésperas da festa do Rei Sabá.



Figura 1 São Sebastião trazido pela procissão

Ao longo da missa, além dessas referências, o padre enfatizou a importância da festividade do Rei Sabá, que atrai pessoas de fora de São João de Pirabas, sendo a festividade parte do calendário cultural da cidade. Ao final da missa, Pai Sival<sup>5</sup> foi convidado a falar, e agradeceu ao padre a receptividade, anunciando os nomes dos pais e mães de santo que vieram de Belém e Ananindeua para a festividade. Após a missa, os afrorreligiosos se dirigiram para o centro desportivo e cultural Maria Pajé, onde aconteceu uma celebração com tambores e cânticos para os encantados, Rei Sebastião, São Sebastião, Oxóssi e outras entidades.

O centro cultural fica na orla da cidade, sendo uma construção ampla e aberta. Ao seu redor, estão quiosques de concreto, uma praça de basquete e uma quadra de futsal ao lado. O centro cultural possui em um de seus lados, o contíguo à rua, pinturas evocando a pedra do Rei Sabá, as praias ao redor da cidade e os monumentos às entidades que foram construídos ao entorno do Rei Sabá. As artes são assinadas por “Adriano Artes”, que segundo Dona A., ainda é vivo. Ele é o mesmo artista que assina algumas outras pinturas em paredes que encontrei na cidade, sobretudo imagens de Jesus Cristo que revestem um estabelecimento de material de construção. Maria Pajé, segundo me contou Dona A., foi uma importante pajé de Pirabas, que auxiliou o prefeito na escolha das entidades que

---

<sup>5</sup> Pai Sival é uma importância liderança umbandista e da pena e maracá. Tem protagonizado as celebrações ao Rei Sabá. Em julho, tive a oportunidade de conversar melhor com ele.

teriam suas imagens construídas e transformadas em monumento na ilha da Fortaleza. No centro cultural, há uma placa explicando quem foi Maria Pajé: “Flaviana Serrão da Silva, ‘Maria Pajé’. Como era conhecida por nossa sociedade. Nasceu em Igarapé Miri, em 24 de janeiro de 1929. Adotou São João de Pirabas como sua pátria. Quando ainda era uma vila de Primavera. Destacou-se como amante da cultura popular. Tendo fundado grupo de marujada de São Benedito. Além de se voltar para outras atividades folclóricas, como o carimbo. Seu trabalho incentivou a juventude a também se interessar pela cultura popular regional, proporcionando a divulgação de São João de Pirabas através das artes. ‘Maria Pajé’ faleceu em 20 de setembro de 2003, em São João de Pirabas, onde permaneceu pelos últimos 42 anos de vida. Empréstimo seu nome a este espaço cultural e desportivo é a homenagem post mortem que a sociedade lhe presta, em reconhecimento ao seu amor pelo município”. Destaco que apesar da alcunha de pajé, o que está em relevo na trajetória da personagem é a sua ação junto com a cultura local e atividades denominadas de “folclóricas”.

Associar as religiões afro-brasileiras com folclore, cultura e incentivo ao turismo não é, nem de longe, uma atividade incomum. Certa literatura acadêmica sobre essas religiões já foi acusada de fazer esse exercício, assim como outros agentes e mídias.

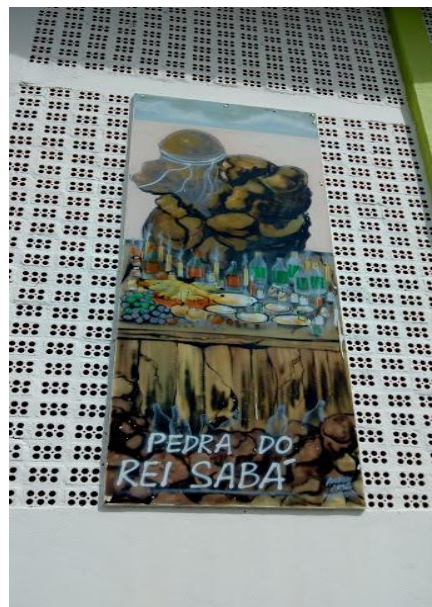


Figura 2 Lateral do centro Maria Pajé

Para os propósitos desse artigo, não me aprofundarei sobre as festividades que aconteceram no dia 20 de janeiro, mas reforço que era comum ouvir de representantes da

prefeitura, que a celebração fazia parte da cultura, história e incentivo ao turismo da cidade. O prefeito, junto com sua família, participou da celebração e a prefeitura construiu uma barraca/rancho na praia da Fortaleza, para alimentação de parte dos afroreligiosos e seus funcionários, assim como um bote com salva-vidas percorreu a praia. A celebração também foi divulgada pelo site da prefeitura, desde a procissão que houve até a festividade. No dia da celebração, além das pessoas de santo, havia diversos banhistas e outras pessoas que vieram para acompanhar a celebração e/ou aproveitaram para apreciar as festas de carimbó e de aparelhagem. A TV Liberal, filiada à TV Globo no Pará, esteve na festividade, registrando-a para elaboração de uma reportagem televisiva<sup>6</sup>.

Portanto, na cidade, há diversos discursos: sonoros, visuais, imagéticos, sentidos e materializados pelas vias de Pirabas, e ao se atravessar para as ilhas, estendem-se, singrando as ilhas e, mais especialmente a praia da Fortaleza, com discursos a respeito da festividade enquanto cultura e religião. Para o estado, a igreja e setores profissionais, o destaque pende para a festividade enquanto cultura, sendo a religião vivenciada mais pelos afroreligiosos. Tendo em mente os alto-falantes, a divulgação da prefeitura, de blogues e outros agentes midiáticos relacionados a festividade do Rei Sabá, há um ato de tornar-se público a existência de afroreligiosos em São João de Pirabas, assim como na Grande Belém, d'onde vem a maioria dos outros afroreligiosos que não são da cidade. Com suas vestes, tambores e cânticos, desde o dia anterior até o dia 20 de janeiro, quando atravessam para a ilha também com suas vestes, tambores, e agora, oferendas e obrigações para Rei Sabá, constroem uma paisagem afro-brasileira.

Esse ato é político não somente pela relação que se estabelece, muitas vezes conflituosa, entre a prefeitura e os afroreligiosos. É político, também, no sentido da cosmopolíticas afro-brasileiras. Entretanto, na presente reflexão, focarei nessa política em sentido mais restrito do termo para dialogar com aquilo que Paula Montero disse em tornar público:

Um ato ou objeto torna-se público não apenas porque está localizado em um local público, mas porque sua presença naquele local coloca em movimento, para um público, um conjunto de dinâmicas argumentativas e críticas que redimensionam a sua importância política. Tomando como foco a observação dos processos de produção de publicidade, talvez caiba, no entanto, compreender quais as redes de publicidade que as ações

---

<sup>6</sup> A reportagem foi ao ar no dia 22 de janeiro de 2018. Consultar em:

<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/afroreligiosos-celebraram-o-rei-saba-em-sao-joao-de-pirabas-no-pa.ghtml>.



coletivas religiosas fazem emergir e as linguagens que as fazem funcionar no sentido de gerenciar as relações entre as pessoas e os domínios sociais mais institucionalizados (Montero, 2016, p. 145).

Em nosso caso, fica difícil, talvez impossível, apontar que tipos de públicos estão em voga: quem assiste a um jornal sobre a celebração ao Rei Sabá, passando pelos católicos, evangélicos e diversas nações e terreiros que participam da celebração. Sem contar os pajés, benzedeiras, pais e mães de santo no geral, que celebram Rei Sabá, São Sebastião e Oxóssi no dia 20 de janeiro, sem atravessar para a ilha da Fortaleza, em seus próprios espaços religiosos, ou em outras regiões da cidade, como é o caso de Dona O., que contou-me que não participava da festa pública, mas sim, celebrava Rei Sabá em sua casa. Nenhum desses públicos, se assim quiséssemos chamá-los, é uniforme, e de fato, poderia consistir-se em um público fechado. Tenho dúvidas, também do que seria “ações coletivas religiosas”, ao menos em nosso caso em análise, sendo que percebemos uma intrincada rede muito mais ampla e repleta de agenciamentos outros, desde a pedra do Rei Sabá, que é um monumento, uma pedra e uma entidade encantada ao mesmo tempo, até as pessoas que se esforçam para que a atividade ainda aconteça todo ano, temos uma multiplicidade de ações. De qualquer forma, o que quero destacar do trecho da Paula Montero é a parte que aquilo que é posto em público mobiliza um complexo de argumentações e críticas que redimensionam atos políticos.

As imagens que foram construídas ao redor de Rei Sabá: Iemanjá, Jarina, Mariana e Zé Raimundo, estão, em sua maioria, quebradas e desgastadas pela ação do tempo e da ação humana. Jarina não está mais em sua base de concreto, e sim, apoiada nela, apenas com seu tronco intacto, mas ainda assim desgastado. Mariana ainda está lá, mas com um braço quebrado. Zé Raimundo, apenas seus pés ficaram na base, sendo possível avistar logo adiante a imagem com o tronco apoiado nas pedras, decapitada. Muitos afroreligiosos comentavam que o estado em que estão as imagens era vergonhoso, e que isso era responsabilidade da gestão pública. Outros, comentavam que afroreligiosos também tinham a responsabilidade de preservar aquelas imagens. Mãe U. e Dona O., duas pessoas que conheci que não costumam ir à praia da Fortaleza, também apontam suas razões para isso, pautada no estado em que estão as imagens, assim como outras justificativas. Mãe U. me contou que as entidades, certamente, estão tristes por conta da degradação das imagens, e que elas não moram mais ali, refugiando-se do outro lado da praia. Ouvi outra narrativa também, que na década de 1990, por conta do desgaste do

local e da decepção dos encantados para com seus devotos, eles haviam se mudado, em definitivo, para a praia dos Lençóis, no Maranhão.

Mãe U., ainda justificando o motivo de não gostar de participar da festividade, comentou que não apreciava a forma como eram feitas as celebrações, por conta das pessoas consumirem álcool e oferecerem bastante bebida para Rei Sabá – é comum o ator de derramar bebidas alcóolicas na pedra. Ao falar do consumo de álcool pelas entidades e o próprio “cavalo” delas, Mãe U. disse que esse ato vem mais da “nossa cultura”, pela “cultura” da “umbanda popular”, que criou a imagem de que as entidades bebem, porém, alegou que não acha que isso seja errado, e sim, que a característica de seu fundamento que é assim, de não inserir as bebidas em seu ritual, e que cada mãe e pai de santo apresenta o seu “sincretismo”. Ora, assim, temos mais um significado para a palavra cultura, embora não possa dizer que ela circule no mesmo público que discorre sobre a festividade de Rei Sabá enquanto cultura. Contudo, pode-se dizer que há diversos discursos em jogo, onde cultura, história, religião se entrelaçam e são mobilizados para compor a própria cidade. É nesse aspecto que a proposta de Montero (2016) interessa aqui: pois de antemão, não estamos falando nem de religião na esfera pública, nem de religiões públicas: “a própria atividade coletiva de colocar em cena certos confrontos constroem determinados atores como ‘religiosos’ e a religião como ‘pública’ (Montero, 2016, p. 144). Desta forma, no espaço construído, é o confronto e a posição estabelecida em embates e debates que constrói os atores.

É interessante notar que o discurso que folcloriza as religiões afro-brasileiras é compartilhado tanto pela igreja católica, quanto pelo Estado, aqui, ao nível etnográfico que estamos tratando, a prefeitura e o padre da igreja matriz. Nesse aspecto, podemos pensar junto com Matthew Engelke (2013), quando o antropólogo descreve as percepções de um grupo bíblico britânico que, dentre muitas de suas atividades, tinha o propósito de divulgar a Bíblia a partir de diversos modos de publicidade. Uma das estratégias adotadas pelo grupo foi distribuir diversos tipos de charadas bíblicas, em outdoors, espalhados por Manchester, assim como em descansos de copos em bares. O grupo bíblico se propôs a tal empreitada, por considerar que a oposição da Igreja é a própria Cultura. O processo de secularização, segundo o grupo, distanciou a Igreja (religião) do mundo, o entorno, aquilo que em religiões afro-brasileiras, chama-se de “sociedade envolvente” – por falta de um termo melhor. Assim, a proposta de difundir essas imagens bíblicas, que bebem e se circunscrevem em uma estética da “cultura”, pretendia

aproximar Igreja e Cultura, pois o grupo não aceita a concepção liberal de religião, no sentido em que ela devia estar restrita ao âmbito privado (Engelke, 2013, Giumbelli, 2013).

Se para algumas instâncias é necessária essa aproximação da Igreja e da Cultura, em São João de Pirabas percebe-se esse compartilhamento de perspectivas entre a igreja e o estado, embora por motivos diferentes. Para a igreja, São Sebastião faz parte de um culto legítimo, pois foi uma personagem histórica, e comprovadamente merece a elevação à categoria de santo. Rei Sabá está no registro da cultura – lenda – folclore, pois é cultuado por pessoas simples – afinal, uns dos principais devotos de Rei Sabá são os pescadores, que constantemente avistam-no e percorrem o seu território, assim como religiosos afro-brasileiros. Para a prefeitura, Rei Sabá, seu culto e as religiões afro-brasileiras fazem parte da cultura porque é uma tradição que dura, pelo menos, 80 anos, mobiliza a população da cidade e atrai pessoas de fora. Portanto, faz parte da cultura local e proporciona turismo para uma região que é famosa por suas praias e balneários. O centro cultural Maria Pajé, uns dos principais equipamentos da cidade, configura-se como um prédio que “esculpe” determinado público, e aqui estou usando a conceituação de Michael North (1990), que propõe, a partir de sua reflexão sobre arte pública e escultura, mas que também escapa a uma determinação fixa dos públicos. Ao redor do centro cultural Maria Pajé, jovens se reúnem para praticar esportes, por conta das quadras, e ouvir música. Uma rápida olhada foi o suficiente para perceber uma estética do hip hop entre eles e, a partir disso, podemos pensar o quão próximo da “cultura” está o projeto de divulgação do nome da Maria Pajé e da festividade do Rei Sabá.

Se a relação entre as religiões afro-brasileiras e a igreja católica, em Pirabas, acontece desta forma, via religião enquanto cultura, o relacionamento com pentecostais e neopentecostais me é desconhecido. Apesar de ter visto algumas igrejas (Adventista do Sétimo Dia, Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus), não percebi na cidade nenhum tipo de manifestação que tentasse denunciar as religiões afro-brasileiras da cidade, nem muito menos a sua principal celebração do dia 20 de janeiro. Ao contrário de Birgit Meyer (2011), que encontrou em Gana o pentecostalismo enquanto “religião pública”, com a produção de materiais audiovisuais no qual sacerdotes das religiões ancestrais africanas, ao se converterem, participavam de vídeos e outros tipos de testemunhos, carregando uma estética denunciatória que enfatiza o “levar a público” a

conversão; em Pirabas, os atos de tornar pública as religiões afro-brasileiras, que pude perceber, estavam todos centrados na chave da cultura e da história.

### **Conclusão**

A festividade do Rei Sabá, entretanto, não é percebida apenas enquanto “cultura”. A sua percepção enquanto fazendo parte da cultura local da cidade não impossibilita que seja parte vivenciada pelas religiões afro-brasileiras e a pajelança. Para muitas pessoas, há um território encantado nessa região. Enquanto nos encaminhávamos para a travessia de Pirabas para ilha da Fortaleza, várias pessoas, em tom descontraído, brincavam com Dona A., que não é afrorreligiosa, mas foi conosco para a festividade porque esta era a nossa primeira vez em São João de Pirabas. Gritavam “não vai pegar santo pra lá, A.!”. Na rabeta – embarcação que lembra um barco, de médio porte e movida por um motor móvel – as brincadeiras persistiam, entre o respeito e a jocosidade. A celebração parece apontar para a construção feita pelas religiões afro-brasileiras, de “fé ambiente” (Engelke 2012), de imagens que se tornam públicas (a partir dos sites da prefeitura, de blogs, jornais de reportagem online, nos perfis de redes sociais digitais de funcionárias e fiéis, daí por diante), tanto pela chave da cultura, quanto pela da religião. Após composta essa mobilização, não é mais possível separar de forma total quais são os públicos e o que seria religião e cultura. A celebração apresenta-se desta forma, como um compósito.

### **Referências**

Bastide, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira Editora, 1971.

Engelke, Matthew. *God’s Agents: Biblical Publicity in Contemporary England*. Berkeley: University of California Press, 2013.

Giumbelli, Emerson. Publicamente cristãos. *Religião e Sociedade*, 36(2), 2016.

Maués, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. Belém: Cejup, 1995.

Meyer, Birgit. Going and Making Public. Some Reflections on Pentecostalism as Public Religion in Ghana. In H Englund (ed.). Christianity and Public culture in Africa. Columbus: Ohio University Press, 2011: 149-166.

Montero, Paula. (2016). “Religiões públicas” ou religiões na esfera pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. *Religião & Sociedade*, 36(1), 2016: 128-150.

North, Michael. The public as sculpture: from heavenly city to mass ornament in W.J.T. Mitchell (ed.) *Art and the public sphere*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

Silva e Silva, Jerônimo da. 2014. *Cartografia de afetos na encantaria: narrativas de mestres da Amazônia Bragantina*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará.